

A FUNDAÇÃO JAPÃO NO BRASIL*

CEAA – *Gostaríamos que o senhor apresentasse, inicialmente, uma visão global da Fundação Japão, destacando seus princípios, objetivos e atividades.*

O Kokusai Koryu Kikin – Fundação Japão foi estabelecido por lei em outubro de 1972. Os seus princípios e objetivos estão expressos no artigo 1º da Lei da Fundação Japão, que, em síntese, afirma que o propósito da entidade é proporcionar às outras nações um conhecimento mais profundo sobre o Japão, bem como contribuir para o entendimento mútuo e o progresso da cultura mundial através da expansão do intercâmbio cultural. Para alcançar essas metas, a Fundação mantém as seguintes principais atividades: (1) convidar pessoas para conhecer o Japão e enviar japoneses ao exterior com o propósito de efetuar o intercâmbio cultural internacional; (2) assistir e apoiar a difusão de estudos japoneses no exterior, providenciando ajuda às universidades e organizações que se dedicam à pesquisa sobre o Japão; (3) promover o conhecimento do idioma japonês no estrangeiro através do treinamento de especialistas em língua japonesa; (4) patrocinar, apoiar e auspiciar eventos de intercâmbio cultural internacional tais como exposições, representações cênicas, seminários etc. Além dessas atividades principais, a Fundação promove também o intercâmbio de programas de televisão e o empréstimo de longas e curtas-metragens, bem como subsidia publicações sobre estudos japoneses. Em termos gerais, seriam essas as atividades desenvolvidas pela Fundação.

CEAA – *Quando a Fundação Japão iniciou suas atividades no Brasil? Como vem se desenvolvendo o relacionamento da Fundação Japão com as universidades e centros de pesquisas brasileiros? Quais têm sido suas principais atividades e realizações?*

A Fundação iniciou suas atividades no Brasil em 1975, concentrando sua atuação principalmente em São Paulo. Por essa razão, a USP é a universidade brasileira que tem recebido mais apoio da Fundação, tanto para

* Entrevista concedida pelo Diretor-Representante da Fundação Japão, Masakatsu Unemya, a Juarez Coqueiro e José Maria Nunes Pereira, do CEAA, alusiva aos 80 Anos de Comemoração da Imigração Japonesa no Brasil.

seus cursos de língua japonesa como para seus programas de pesquisa em literatura e estudos japoneses em geral. A USP inclusive recebeu da Fundação a subvenção de 150 milhões de ienes para a construção da Casa de Cultura Japonesa. Como o Brasil é muito grande, a Fundação não pode atender a todas as universidades. Contudo, tem dado apoio a outras universidades como as Universidades Federais da Bahia, do Rio Grande do Sul, do Pará e do Rio de Janeiro, trazendo professores visitantes e financiando pesquisas. Em relação às atividades estritamente culturais, a Fundação, nos últimos anos, tem promovido alguns eventos importantes, como a apresentação do teatro Kabuki, do *performer* Kazuo Ohono e a recente mostra do Novo Cinema Japonês, que despertou muita polêmica e interesse por parte do público. Quanto às suas publicações, com o objetivo de viabilizar os estudos japoneses e atender às necessidades dos estudiosos, a Fundação iniciou em 1984 a publicação de uma série de pesquisas que fornecem informações e dados bibliográficos sobre livros e revistas, tanto nacionais e estrangeiros, especializados em assuntos japoneses que podem ser encontrados em bibliotecas de São Paulo. Esta série intitula-se *Subsídios para os Estudos Japoneses*. Por outro lado, a Fundação tem subsidiado a publicação de livros e matérias de referência sobre o Japão e a imigração japonesa no Brasil produzidos por outras instituições e pesquisadores.

CEAA – No exterior, em que países e cidades existem sucursais da Fundação Japão?

Como a Fundação só tem 16 anos, o seu orçamento (cerca de 5 bilhões de ienes) e o pequeno número de funcionários limitam a expansão de suas atividades internacionais. No momento a Fundação Japão mantém representação permanente em Roma, Colônia, Bangkok, Washington, D.C., Nova Iorque, Los Angeles, São Paulo, Londres, Paris, México e Camberra. Onde não há escritórios da Fundação Japão, o intercâmbio cultural é realizado através de embaixadas e consulados.

CEAA – Há muita diferença entre as atividades da Fundação Japão e as atividades do setor cultural das embaixadas e consulados?

De um modo geral, tanto as embaixadas quanto os consulados desenvolvem atividades culturais, mas estas são aí muito limitadas. É na Fundação que se concentram essas atividades. Não há uma orientação que se possa definir como sendo a orientação de trabalho da Fundação. Mas eu, em particular, numa visão própria, como representante da Fundação Japão aqui no Brasil, acho que ela teria de ser uma instituição que apresentasse a cultura japonesa de uma forma ampla, e não só de forma parcial. Não apenas os aspectos políticos e econômicos bem-sucedidos, mas a realidade japonesa em sua totalidade. Nesse sentido, talvez a Fundação Japão deferencie-se um pouco das embaixadas e consulados, porque estes têm como objetivo principal o relacionamento diplomático e econômico. Eles se preocupam em mostrar sobretudo o desenvolvimento econômico. Já a Fundação, embora tenha também esse interesse, preocupa-se em apresentar o Japão em sua totalidade. Tanto as embaixadas como os consulados, por exemplo, justamente por causa de sua própria atividade e função, procuram apresentar o lado positivo, o lado bonito do Japão. A Fundação, talvez por não representar o governo japonês em si, embora dependa dele, tem uma linha de atividade diferente desses outros órgãos. Por isso, e aqui estou expressando um ponto de vista pessoal, acho que divulgar o Japão no exterior não significa mostrar só o lado positivo, o lado bonito, mas também o lado problemático. Agindo assim, penso que talvez seja possível haver um verdadeiro intercâmbio cultural. E não basta só mostrar o Japão no exterior, e inclusive no Brasil, como um país que obteve um grande desenvolvimento econômico. Eu, inclusive, no ano passado, promovi um festival do novo cinema japonês em São Paulo, Curitiba, Brasília e Rio de Janeiro para o qual foram selecionados filmes de diretores japoneses jovens. Muitos desses filmes revelaram muitas coisas negativas do país, problemas sociais como a questão da criminalidade no Japão, que talvez

tenham chocado alguns setores desses órgãos do governo japonês. Contudo, eu entendo que, revelando esse lado verdadeiro do Japão, contribuí para que haja um verdadeiro intercâmbio cultural. Embora seja esse um pensamento particular, ao apresentar também esse lado negativo do Japão, venho recebendo o apoio da comunidade japonesa aqui no Brasil. O que mostra que não é só uma coisa pessoal, mas que existe também uma demanda nesse aspecto por parte da comunidade japonesa. Do ponto de vista sentimental, é lógico que gostaria de dar a conhecer apenas o lado bonito do Japão. Mas, analisando as coisas de maneira objetiva, acho que se deve apresentar esse lado feio que algumas pessoas gostariam de esconder.

CEAA – Está ocorrendo atualmente no Japão um grande debate envolvendo políticos, eruditos e jornalistas sobre o resgate da identidade japonesa, que se acredita estar se perdendo em meio à avassaladora ocidentalização. Esse debate é responsável por centenas de livros e milhares de artigos e programas de televisão e de rádio aparecidos ultimamente. O senhor acredita que esse movimento representa o surgimento de um novo sentimento nacionalista ou o questionamento mais profundo do processo de modernização do Japão?

Eu penso que o Japão, até pouco tempo, vinha vivendo como uma nação uniforme. Parecia que todo o povo japonês tinha um objetivo comum, uma meta única. Com a modernização, o Japão está deixando de viver em grupo e as pessoas estão se preocupando mais com sua individualidade, com seu interesse pessoal. Então, as formas de expressão estão começando a ficar mais diversificadas. O Japão-nação se expressa em cada indivíduo. Durante a época em que o Japão se isolou do mundo e mesmo depois da Restauração Meiji, parecia que todo o país tinha uma meta comum. Mas, com a modernização e a crescente internacionalização, ele está começando a perder essa característica. Pode ser que haja uma vontade e um esforço grande para se resgatar

essa meta comum, para se voltar à predominância dos uniformes valores tradicionais. Mas, pessoalmente, acho que no Japão de hoje isto é muito difícil. Justamente por trabalhar com a área cultural, fica muito difícil para mim especificar o que é o Japão de hoje, tendo em vista a grande diversidade cultural atualmente existente. É natural que com essa expansão e internacionalização o Japão perca um pouco sua antiga identidade. No entanto, acredito que, no momento em que esse período de dúvidas for superado, a cultura e as artes do Japão poderão contribuir de maneira significativa para o mundo.

CEAA – A expressão da comunidade japonesa no Brasil, o nível de investimento em áreas-chave da economia brasileira e o comércio bilateral fazem do Brasil um parceiro privilegiado do Japão? A atual situação política e a crise econômica do Brasil têm afetado de alguma maneira as relações e os laços de cooperação entre os dois países?

Eu não sou a pessoa adequada para falar das relações Brasil-Japão, por não ser um tema de minha área. Em termos gerais, politicamente as relações estão indo bem. Mas, a nível econômico, devido ao grande desenvolvimento do Japão e à crise brasileira, as relações tornaram-se um pouco difíceis. Espero que o Brasil encontre a solução para a sua crise e consiga se desenvolver economicamente, para haver uma ligação bem mais forte do que há hoje, para haver um maior equilíbrio nas relações. Tenho informações de que empresas japonesas que se instalaram no Brasil estão fechando justamente por causa da política brasileira de restrição ao capital externo. Gostaria que a abertura ao capital externo voltasse como nos anos 70, na época do "milagre brasileiro". Agora, expressando um ponto de vista muito pessoal em relação à situação política brasileira, não quero dizer que o sistema político brasileiro seja ruim, mas dá a impressão de que o governo é feito só para ricos. Acho que se o governo não olhar para o país como um todo, e não apenas para os ricos, não há solu-

ção. Conseqüentemente, essa forma de governo tem também seus reflexos na economia. Os governantes do Brasil deveriam governar o país não só para os ricos, mas pensando num todo social. É por essa razão que os imigrantes que chegaram aqui em São Paulo, para sobreviver, vivem em favelas, passam fome e acabam entrando para a criminalidade. Em lugar de uma burguesia vivendo luxuosamente e uma população muito pobre, deveria haver uma maior distribuição de renda.

CEAA – Qual a sua avaliação sobre o intercâmbio cultural Japão-Brasil?

Atualmente o intercâmbio cultural é feito quase exclusivamente pela Fundação. Não há outras instituições realizando esse tipo de atividade. E lamentamos que, no Brasil, esse intercâmbio esteja limitado só a ela. O intercâmbio cultural é algo que não se realiza a curto prazo, mas em cem ou duzentos anos. Então, se pensarmos dessa forma, a tendência é aumentar cada vez mais, e logicamente começarão a surgir outras instituições preocupadas em realizar o intercâmbio cultural.

Acredito que em todos esses anos de atuação da Fundação Japão aqui no Brasil esse intercâmbio cultural ampliou-se de certo modo. Nota-se que está aumentando o interesse pelo Japão. Muitas pessoas estão manifestando o desejo de entender melhor o país. Penso que no futuro o intercâmbio cultural deve estar orientado no sentido não só de trazer as coisas do Japão para o Brasil, mas também de levar as coisas do Brasil para o Japão. O intercâmbio cultural não é unilateral. Entendo a situação econômica do Brasil e, é lógico, intercâmbio cultural custa dinheiro. Mas acontece que, quando somos procurados para realizar alguma atividade cultural, pede-se sempre que o Japão a financie totalmente. Se, ao apresentarem o projeto, as pessoas arcassem com pelo menos 20 ou 30% dos custos, talvez fosse mais fácil. O ideal seria que o Ministério da Cultura do Brasil também se preocupasse com esse intercâmbio cultural.

CEAA – No que se refere a estudos e pesquisas, existe por parte dos acadêmicos e intelectuais japoneses um grande interesse pelo Brasil? O senhor poderia citar universidades e tipos de estudos que são desenvolvidos no Japão sobre o Brasil?

Em geral os estudos e pesquisas sobre o Brasil ainda são muito limitados no Japão. A Universidade de Sofia é, por enquanto, a única universidade que se dedica a esses estudos. Agora, por outro lado, existem muitas pessoas que individualmente se interessam pelo Brasil, mas não do ponto de vista acadêmico. Inclusive, no Japão, há uma palavra para designar essas pessoas: *Bura-Kichi*. *Bura* quer dizer Brasil e *Kichi* significa louco. Daí o nome *Bura-Kichi* – louco pelo Brasil. Elas se interessam pelo Brasil por terem a idéia de que o Brasil é um país superaberto, tranqüilo etc. Daí terem curiosidade de conhecer e saber sobre o Brasil. De uma forma geral, as informações sobre o Brasil são muito poucas. O que o japonês geralmente conhece do país é o Carnaval, a música e a Amazônia. Se houvesse mais informações, certamente haveria mais estudiosos e pesquisadores interessados em outros assuntos brasileiros.

É importante também assinalar que há muitas pessoas que têm um interesse sentimental pelo Brasil, devido à presença da colônia japonesa. Elas se interessam pelo Brasil porque acham que aqui, no meio da colônia japonesa, podem encontrar pessoas que vieram do Japão e mantiveram a sua cultura tradicional. Como a colônia japonesa se manteve de certa maneira fechada, elas acreditam que, vindo para o Brasil, podem encontrar o Japão antigo. O interesse é muito mais pela colônia do que pelo Brasil em si.

CEAA – Gostaríamos que o senhor falasse, agora, sobre a participação da Fundação Japão nas atividades comemorativas dos 80 anos de imigração japonesa.

Evidentemente a Fundação Japão está comemorando esses 80 anos. Nossa posição foi justamente a de aproveitar essas comemora-

ções para tentar mostrar ao povo brasileiro o que é realmente o Japão. Para tanto, nossa participação principal consistiu em trazer o grupo folclórico Kodo (tambores) e promover a mostra Os Grandes Momentos do Cinema Japonês, a Exposição Coletiva de Cerâmica e uma apresentação de música erudita moderna. A Fundação trouxe também especialistas japoneses para participarem do Simpósio Internacional das Relações Nipo-Brasileiras, onde se discutiu as relações políticas e econômicas entre os dois países. Além disso, deu seu apoio a mais de dez outros eventos. Um dos quatro jornais publicados pela colônia japonesa, o *Shu Kan Jihô*, comentando as comemorações dos

80 anos de imigração japonesa, destaca o papel da Fundação, acentuando que os descendentes se preocuparam muito com as festividades em si, enquanto a Fundação se preocupou em trazer grupos e promover eventos representativos da cultura japonesa. Esse comentário do jornal é motivo de muita honra para nós, porque é um reconhecimento de que a Fundação está preocupada em mostrar o bom relacionamento existente entre o Brasil e o Japão e não principalmente com a colônia japonesa. Isso tem um grande significado porque vemos que um jornal da própria colônia está valorizando esse nosso trabalho e a participação da Fundação nos 80 anos de imigração japonesa.